



Aparecida Borges, 41 anos, com a filha no colo, está apreensiva por causa do impasse no assentamento: "Tem gente passando fome por causa disso"

Famílias querem começar plantação

A demora em se instalar no assentamento 26 de setembro a faz as famílias dos agricultores apelarem para a criatividade. Os assentados inventam o que podem para sobreviver. Francisco de Sena, 63, que mora com o genro, a filha e uma neta, ganha a vida com a venda de pamonha e teme o futuro.

"Já roçamos nossa área e estamos esperando o adubo. Mas a chuva vem aí e, se a gente não plantar agora, não sei como vai ser", diz Francisco. "Ano passado, nessa época, a gente já tinha

semeado feijão e arroz. Deu para toda comunidade", lembra.

Aparecida Borges, 41 anos, também está apreensiva com a situação dos agricultores do assentamento, que desde o embargo estão sem produzir. "Tem gente passando fome por causa disso", conta.

A sem-terra acredita que o embargo do Ibama é uma questão política. "Não tem nada a ver com reflorestamento. Eles não querem deixar é o PT fazer um assentamento modelo no Distrito Federal", defende. "Se liberassem logo

a área tenho certeza que a gente já estaria produzindo muito", pensa.

DIREITOS

Aparecida diz que do acampamento não sai. "A gente veio trazido pelo governo, ninguém invadiu nada. Temos direitos", diz. "Estamos a mais de 10 km do parque e nem chegamos por ali. Não mexemos com aquele lado de jeito nenhum e se alguém se aproxima a gente não deixa", conta a agricultora que mora com o marido e quatro filhos.

No seu lote, assim como nas outras chácaras, todo lixo produzido é separado. O orgânico é colocado em buracos e depois as cinzas são aproveitadas como adubo. As latas e garrafas são vendidas aos ferros velhos.

Mas perto dali, na cascalheira, o que se vê é lixo a céu aberto. "O incrível é que essas mesmas pessoas que defendem a natureza fecham os olhos para o lugar, aqui do lado, onde todo o lixo de Taguatinga vai parar", aponta. (F.T)